



AVALIAÇÃO E PERCEPÇÃO DAS FORMAS *NÓS* E *A GENTE* E DOS PADRÕES DE CONCORDÂNCIA POR FALANTES ESCOLARIZADOS DE FORTALEZA - CEARÁ



EVALUATION AND PERCEPTION OF THE FORMS *NÓS* AND *A GENTE* AND AGREEMENT PATTERNS BY EDUCATED SPEAKERS IN FORTALEZA/CE

Maylle Lima FREITAS
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Larissa de Lima FAVACHO
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Hebe Macedo de CARVALHO
Universidade Federal do Ceará, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 22/09/2021 • APROVADO EM 19/04/2022

Resumo

Este estudo investiga a avaliação e percepção da alternância de *nós* e *a gente* e a concordância verbal com essas formas pronominais por participantes escolarizados de

Fortaleza/CE. Parte da premissa laboviana (LABOV, 2008 [1972]) de que os falantes atribuem valores e julgamentos às variantes linguísticas, sendo esses valores passíveis de mensuração em testes de reação subjetiva. Foram elaborados e aplicados formulários de percepção e avaliação linguística inspirados em Eckert (2008), Campbell-Kibler (2009) e Oushiro (2015) para a investigação dos significados sociais atribuídos às variantes. Os formulários foram aplicados e disponibilizados pela plataforma *Google forms*, divulgados nas redes sociais *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* e compartilhados entre amigos de amigos. Os resultados estatísticos foram computados pela plataforma RStudio para a geração de frequência e proporção das respostas e para a criação da árvore de distâncias mínimas (OUSHIRO, 2019). As formas *nós* e *a gente* com concordância recebem avaliação positiva, sendo o *nós* associado a *prestígio-escolarização-bairros centrais*, e *a gente* a *informalidade-periferia urbana*. A variante inovadora (*a gente*) não sofre estigma pelos participantes escolarizados de Fortaleza, no entanto os ouvintes associam a ausência de concordância (*nós* sem *-mos*) a não escolarização, informalidade e uso de periferia urbana.

Abstract

This study aims to investigate the evaluation and perception of the alternation among *nós* and *a gente* and the verbal agreement with these pronoun forms by educated speakers in Fortaleza/CE. It starts from the Labovian premise (LABOV, 2008 [1972]) that speakers attribute values and judgements to linguistic variants, which can be measured by the application of subjective reaction tests. Inspired by Eckert (2008), Campbell-Kibler (2009) and Oushiro (2015), linguistic evaluation and perception questionnaires were elaborated and applied in order to investigate the social meanings attributed to the examined variants. These questionnaires were made available to the participants through the platform Google forms, released on social media websites such as WhatsApp, Telegram, Facebook, Instagram and Twitter, and shared among friends of friends. The statistical results were computed by means of the platform RStudio, in which the frequency and proportion of responses were produced and a minimum spanning tree was generated (OUSHIRO, 2019). As shown by the minimum spanning tree, the pronoun forms *nós* and *a gente* followed by verbal agreement are not stigmatized; *nós* is associated with *prestige-education-central neighborhoods*, and *a gente* with *informality-urban fringe*. Taking these results into account, the innovative variant (*a gente*) does not receive negative evaluation by educated speakers in Fortaleza. On the other hand, the lack of subject-verb agreement (*nós* without *-mos*) is associated with lack of education, informality and urban fringe use.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Avaliação e percepção linguística. Alternância *nós/a gente*. Concordância verbal. Sociolinguística Variacionista.

Keywords: Linguistic evaluation and perception. The alternation *nós/a gente*. Subject-verb agreement. Variationist sociolinguistics.

Texto integral

Introdução

A variação de pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na função de sujeito é um fenômeno variável bastante estudado no Português

Brasileiro (ARAÚJO, 2016; COELHO, 2006; FOEGER, 2014; LOPES, 1993, 2003, 2007; MATTOS, 2013; MENDONÇA, 2010; MONTEIRO, 1994; OMENA, 1996; RUBIO, 2012; SEARA, 2000; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; VIANNA; LOPES, 2015; VITÓRIO, 2016 para citar apenas alguns desses trabalhos), este artigo investiga a avaliação e percepção dessas formas pronominais por falantes escolarizados, moradores de Fortaleza da zona metropolitana, contemplando o problema da avaliação linguística (LABOV, 2008 [1972]).

Os estudos que buscam investigar significados sociais às formas em variação têm ascendido na chamada *Terceira Onda* de estudos variacionistas (ECKERT, 2012) com enfoque em correlatos subjetivos de formas variantes. A avaliação consiste em um dos problemas empíricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972), pressupõe que formas linguísticas podem ser portadoras de significado social passíveis de evocar comportamentos avaliativos. Labov (2008 [1972], p. 176), inspirado em Lambert *et al.* (1960), considera existir um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem compartilhado por quase todos os membros da comunidade de fala.

Investigamos, neste estudo¹, em que medida significados sociais são associados à alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* na função de sujeito e as respectivas concordâncias, considerando os novos arranjos morfológicos e morfossintáticos dada a entrada do *a gente* no subsistema pronominal do português do Brasil. Para tanto, aplicamos formulários pela plataforma *Google forms*, divulgados em redes sociais on-line como *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* e compartilhados entre amigos de amigos. A amostra é composta por participantes escolarizados, moradores de Fortaleza/CE e região metropolitana.

Realizamos análises quantitativas a fim de responder às seguintes perguntas da pesquisa: (i) existiria estigma associado à forma inovadora *a gente*? (ii) as formas *nós* e *a gente* podem estar associadas a diferentes graus de formalidade? (iii) os participantes associam o uso de cada variante a algum espaço geográfico da cidade de Fortaleza e/ou escolarização? (iv) qual variante os falantes acreditam estar mais implementada em seu próprio uso? (v) existe a crença de que uma das formas é mais *correta* que outra? Nossa hipótese é que a forma *a gente* com concordância com a 3ª pessoa do singular, em competição com o *nós* com concordância plural, não recebe avaliação negativa por escolarizados.

Para mais detalhes deste estudo o leitor pode conferir as seções: *pressupostos teórico-metodológicos*, que situa o aporte teórico da pesquisa; *procedimentos metodológicos* com etapas do desenvolvimento da pesquisa; seguido da seção *a avaliação e percepção das formas nós e a gente e dos padrões de concordância* destinada a apresentação dos resultados do estudo, encerrando com as considerações finais, contendo uma síntese das discussões fruto da análise desenvolvida.

¹ Este estudo é parte do projeto PIBIC/UFC denominado *O uso variável das formas nós/a gente no falar de Fortaleza: descrição e avaliação linguística (fase II)*, apoiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), desenvolvido durante o período de 2019-2020.

Pressupostos teórico-metodológicos

Segundo Labov (2008 [1972]), a língua é suscetível à avaliação de modo que os falantes atribuem valores e julgamentos às variantes linguísticas, sendo a *avaliação* da língua um fato sociolinguístico passível de investigação. A avaliação linguística consiste, portanto, em um dos problemas empíricos para o pesquisador da área da sociolinguística, contribuindo para o entendimento de fenômenos variáveis e em processo de mudança, podendo ser mensurada via aplicação de testes de reação subjetiva, testes esses que podem "isolar reações sociais inconscientes aos valores individuais de variáveis fonológicas" (LABOV, 2008 [1972], p. 145). O desafio para o pesquisador é encontrar maneiras efetivas de observar esses significados por meio de metodologias de pesquisa.

A técnica dos estímulos pareados proposta por Lambert *et al.* (1960), no estudo "*Evaluational reactions to spoken languages*", que observou características sociais atribuídas ao inglês e ao francês no Canadá, foi adotada na linguística para mensurar reações subjetivas, se baseou em expor informantes canadenses (anglófonos e francófonos) a estímulos de falas da língua inglesa e francesa. Com isso, eles ouviam estímulos linguísticos por meio de gravações realizadas por outros falantes bilíngues, os quais ora falavam em inglês, ora falavam em francês. Após ouvirem esses estímulos, os participantes precisavam avaliar cada falante em diversos pontos sugeridos no questionário, como por exemplo: escolarização, profissão, zona de residência e até mesmo traços de personalidade. Essa técnica tem sido adotada pela Sociolinguística Variacionista em pesquisas que investigam os *significados sociais* atrelados às formas em variação (ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2010; OUSHIRO, 2015).

Campbell-Kibler (2005) ressalta que os significados sociais atribuídos às variantes não são estáticos, imutáveis, mas, como um campo que orbita, aponta uma direção da avaliação que os falantes fazem de determinada variante. A autora argumenta que "A consciência dos falantes sobre as expectativas e crenças de seus ouvintes os levará a construir sua fala de modo que maximize sua habilidade de atingir seus objetivos particulares em um dado contexto" (CAMPBELL-KIBLER, 2005, p. 16, tradução nossa)². Em outras palavras, os falantes possuem consciência da avaliação da língua e essa consciência os guia para produzir seu próprio discurso, podendo, inclusive, manipular seu discurso para obter determinadas avaliações.

Uma forma de mensurar a avaliação é o estudo de Campos Indexicais (ECKERT, 2005, 2008), que consistem em uma constelação de significados potenciais ideologicamente relacionados e associados a determinados usos linguísticos, marcados por itens lexicais em uma representação visual que assinalaria os potenciais significados sociais atribuídos a determinadas variantes linguísticas (ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2010).

² Texto original: "speakers' awareness of the expectations and beliefs of their listeners will lead them to construct their speech in such a way as to maximize their ability to achieve their particular goals in a given setting" (CAMPBELL-KIBLER, 2005, p. 16).

Oushiro (2015) concebe a avaliação linguística como o discurso metalinguístico consciente que de usuários da língua sobre variáveis que lhes são conhecidas. A percepção “[...] diz respeito a inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante - e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico” (OUSHIRO, 2015, p. 54). A autora propôs o modelo de árvores de distâncias mínimas de base estatística para elaboração e apresentação dos campos indexicais, replicável, que gera figuras arbóreas em que variáveis correlacionadas compõem *clusters* (agrupamentos) de significados com base em um banco de dados como *input*.

A avaliação linguística é, geralmente, permeada por uma avaliação social, afirmam Coelho *et al.* (2015), de modo que a rejeição ou aceitação dos falantes de uma comunidade de fala perante determinada variável linguística, podem auxiliar na compreensão da mudança linguística. O nível de consciência social dos falantes pode ser um fator determinante na mudança linguística: o surgimento e a intensificação de reações negativas podem retardar ou até mesmo impedir a mudança. O estudo do problema da avaliação linguística na mudança linguística é, portanto, fundamental para possíveis explicações da mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Para mensurar a avaliação subjetiva dos falantes acerca do uso das formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito e dos padrões de concordância, tomamos esses pressupostos teórico-metodológicos como base. Na seção seguinte, detalhamos a metodologia adotada no estudo.

Procedimentos metodológicos

A metodologia para a avaliação e percepção linguística das formas em estudo contou com duas etapas: elaboração e aplicação de formulários on-line via *google forms* e coleta e quantificação de dados. Para efeito deste estudo, consideramos participantes do sexo masculino e do sexo feminino, com ensino superior completo e incompleto das mais diversas áreas³, maiores de 18 anos de idade, residentes da Grande Fortaleza, incluindo Caucaia, Cascavel, Aquiraz, Pacatuba, Maracanaú, Horizonte e Maranguape.

Para a primeira etapa, foram aplicados formulários em redes sociais *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *Telegram*, *Twitter* e replicados entre amigos de amigos⁴.

Primeiramente, os participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que elucidava sobre os objetivos da pesquisa, a metodologia e sobre o uso dos dados para fins científicos de forma anônima, em seguida eram consultados se concordavam ou não em participar da pesquisa para seguir com o preenchimento do formulário.

Nesta etapa da pesquisa, inspirada em estudos de Oushiro (2015, 2019), os participantes teriam que responder perguntas de como avaliam o uso da variante

³ Ciências Exatas, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Letras, Ciências da Saúde, Engenharias.

⁴ Segundo o artigo primeiro da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, são isentas de submissão ao conselho ética “I- pesquisas de opinião pública com participantes não identificados” (BRASIL, 2016, p. 44) e “V- pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual” (BRASIL, 2016, p. 45).

inovadora *a gente* com concordância padrão singular (ex.: *a gente fala, a gente canta*), e a forma *nós* com a concordância padrão com *-mos* (ex.: *nós falamos, nós cantamos*), a partir dos estímulos seguintes:

- (1) *a gente vivia* mais de brincar, sabe? televisão era coisa rara *a gente assistir*, então *a gente se reunia* na calçada à noite.
- (2) *nós tínhamos* que ficar esperando por ele de pé. Não podíamos nos sentar sem que ele dissesse: boa tarde, gente... ele falava assim; e depois, então, *nós nos sentávamos*.

Os estímulos (1) e (2) foram retirados e adaptados do banco de dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - Porcufort (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018), a fim de que os estímulos escutados para análise partissem de excertos de fala efetivamente em uso. Os participantes ouviam os áudios e dispunham das seguintes opções de marcar conforme achassem mais adequadas à sua percepção: *considero esse uso formal; considero esse uso informal; considero um uso escolarizado; considero um uso não escolarizado; considero um uso da periferia urbana; considero um uso de bairros mais centrais; considero um uso da zona rural; considero esse uso de prestígio; considero esse uso de estigma; não tenho opinião formada sobre esse uso.*

O formulário continha ainda uma questão sobre a não concordância do pronome *nós* (*nós* sem *-mos*), contendo as mesmas opções de marcar supracitadas, a partir do estímulo escrito (3) abaixo. A pergunta de partida era: *como você avalia estruturas do tipo?*

- (3) *nós tava em casa, nós foi ao parque, nós come peixe?*

A seção seguinte do formulário contou com as perguntas metalinguísticas: (1) *qual forma você acha mais frequente em sua fala?* As opções de resposta foram: *nós; a gente; intercalo as duas formas regularmente.* (2) *O que você pensa sobre as formas nós e a gente?* Os participantes tinham como opção de resposta: *considero ambas igualmente corretas; acredito que a forma nós seja mais correta; acredito que a forma a gente seja mais correta.*

A segunda etapa do estudo, a quantificação dos dados, contou com a aplicação da ferramenta estatística software Rstudio (R Core Team, 2020) para mensurar frequência, proporção e árvore de distâncias mínimas, este replicado de Oushiro (2015, 2019), que propõe modelos computacionais para a visualização de campos indexicais, base para geração de árvores de distâncias mínimas. Para o cálculo da árvore, nos valem do *script*: *script_MST.R*⁵ disponibilizado pela autora, adequando o código ao nosso *input* e adaptando os *subsets* aos nossos dados.

A árvore de distâncias mínimas foi elaborada a partir de correlações estatísticas geradas com base em arquivo de dados, a partir da lista de características atribuídas às formas *nós* e *a gente* com concordância padrão:

⁵ O *script* original foi disponibilizado pela autora no link:

<https://zenodo.org/record/2548037#.XEkCi817IPY.%20Figure%20%20is%20the%20visual%20representation%20of%20the>

formal; informal; escolarizado; não escolarizado; periferia urbana; bairros centrais; zona prestígio; estigma. O método consiste no cálculo de distâncias mínimas (medidas estatísticas) entre esses fatores por meio de uma Matriz de Dissimilaridades, executado pelo pacote *Amap* no *Software RStudio*⁶. Essas distâncias mínimas são convertidas em um gráfico visual de aparência arbórea por meio do pacote *Vegan*, em que fatores correlacionados tendem a se agrupar em forma de *clusters* e fatores pouco relacionados possuem uma distância maior entre si.

Avaliação e percepção das formas *nós* e *a gente* e dos padrões de concordância

Foram obtidos 177 formulários respondidos por 59,3% participantes do gênero feminino, 39,5% do gênero masculino e 1,2% de outras expressões de gênero declaradas pelos participantes, a saber: não binário e gênero fluído. Em relação à faixa-etária, 57,1% dos informantes estão na faixa etária de 18-28 anos, 26,6% na faixa etária de 29-39 e 16,4% com 40 anos ou mais. Destacamos que a amostra se constitui predominantemente de falantes mais jovens e do sexo feminino, o que deve ser considerado para a projeção deste estudo.

Os resultados da tabela 1 tomam como base o áudio com os seguintes estímulos: como você avalia o uso de: (1) *a gente vivia* mais de brincar, sabe? televisão era coisa rara *a gente assistir*, então *a gente se reunia* na calçada à noite. (2) *nós tínhamos* que ficar esperando por ele de pé. *Não podíamos* nos sentar sem que ele dissesse: boa tarde, gente... ele falava assim; e depois, então, *nós nos sentávamos*; (3) *nós tava em casa, nós foi ao parque, nós come peixe*.

Quanto à concordância com a variante inovadora *a gente* (*a gente* sem -mos), perguntados como os participantes avaliam esse uso (1), as opções selecionadas foram: uso informal (33,18%), de periferia urbana (18,39%), escolarizado (15,02%), associando-o principalmente à informalidade. O excerto de fala (2) apresenta a concordância padrão com o pronome *nós* (*nós* com -mos), verificamos que esse uso foi considerado escolarizado (28,86%), formal (26,08%), de bairros centrais (13,67%) e de prestígio (11,65%). Diante do estímulo (3), contendo sentenças que contrariam a concordância padrão (*nós* sem -mos), esse uso foi avaliado preferencialmente como não escolarizado (34,64%), informal (19,64%), de periferia urbana (17,68%), da zona rural (14,11%), sugerindo julgamentos claros quanto à escolarização e a formalidade desses usos, bem como a associação da concordância verbal padrão com usos de prestígio, de bairros centrais de Fortaleza. O uso de *nós tava, nós foi* foi avaliado pelos participantes com escolarização superior (incompleta ou completa) como um uso não escolarizado, confirmando a tendência apresentada em dados de estudos de produção de concordância verbal no português brasileiro (SCHERRE; NARO, 2014).

⁶ Os pacotes utilizados nesta pesquisa estão disponíveis no site do *R Project*: https://cran.r-project.org/web/packages/available_packages_by_name.html

Variantes	A gente sem -mos		Nós com -mos		Nós sem -mos	
	n	%	n	%	n	%
Escolarizado	67	15,02	114	28,86	6	1,07
Formal	15	3,36	103	26,08	0	0
Bairros centrais	45	10,09	54	13,67	5	0,89
Prestígio	8	1,79	46	11,65	1	0,18
Informal	148	33,18	37	9,37	110	19,64
Periferia urbana	82	18,39	21	5,32	99	17,68
Zona rural	35	7,85	8	2,3	79	14,11
Não escolarizado	29	6,5	2	0,51	194	34,64
Estigmatizado	12	2,69	2	0,51	59	10,54
Sem opinião formada	5	1,12	8	2,3	7	1,25
Total	446	100%	395	100%	560	100%

Tabela 1 – Frequência e proporção das características sociais atribuídas a concordância verbal padrão com *nós* e *a gente* por participantes escolarizados de Fortaleza (CE).

Fonte: autoria própria.

De posse desses resultados, elaboramos a árvore de distâncias mínimas, considerando a concordância verbal com as formas de primeira pessoa do plural (*nós* com -mos e *a gente* sem -mos), uma variável binária. A árvore foi elaborada tomando como base a lista de características atribuídas às formas *nós* e *a gente* com concordância padrão: *formal*; *informal*; *escolarizado*; *não escolarizado*; *periferia urbana*; *bairros centrais*; *zona prestígio*; *estigma*. A figura 1 é uma representação visual da árvore contendo significados ideologicamente associados às formas variantes (ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2010; OUSHIRO, 2015).

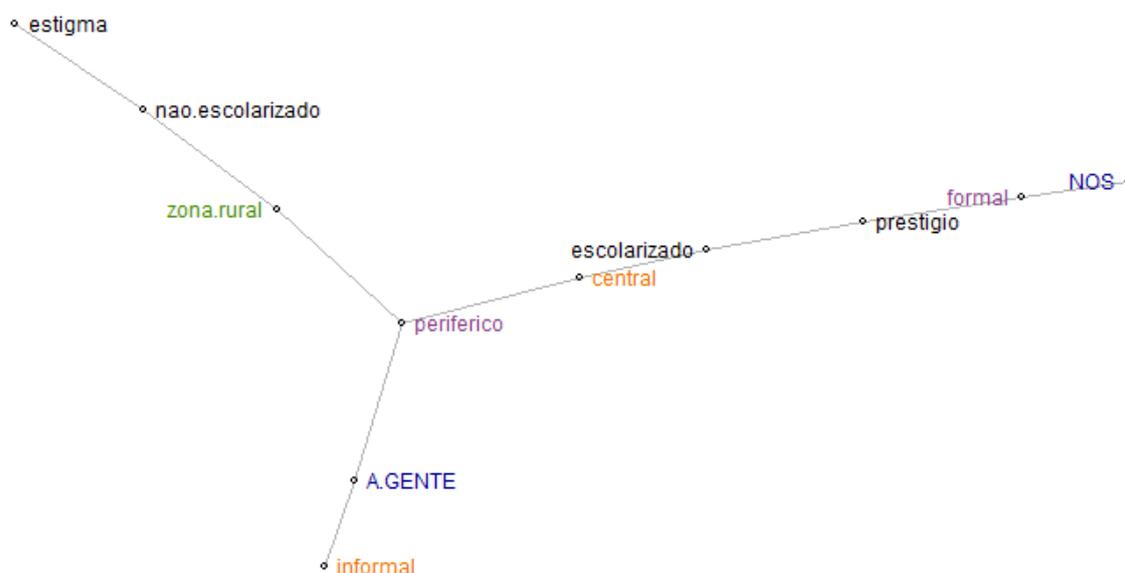


Figura 1 – Campo indexical de *nós* e *a gente* por participantes escolarizados de Fortaleza (CE)

Fonte: autoria própria.

Os nós mais próximos entre si indicam fatores que co-ocorreram mais frequentemente, bem como ilustram a inter-relação de conceitos solicitados no questionário e assinalados pelos ouvintes. Observamos, no ramo à direita da figura 1, a associação dos itens lexicais *formal*, *prestígio*, *escolarizado* e *central* compondo o *cluster* relacionado à variante *nós* com concordância padrão. Os significados sociais da forma *a gente* com concordância singular podem ser conferidos pelos itens lexicais *periférico-informal*, o que nos leva a inferir ser esse uso percebido, pelos participantes escolarizados de Fortaleza/CE, como informal e relacionado a falantes de regiões periféricas da cidade. Essas atribuições de significados sugerem que a forma *nós* com concordância com o morfema *-mos* é avaliada/percebida de forma positiva pelos participantes escolarizados, resultado semelhante ao encontrado por Freitas e Carvalho (2020) em um estudo piloto com estudantes de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), bem como ao estudo de Vitória (2018, p. 207) ao inquirir estudantes universitários do sertão alagoano.

Destacamos a percepção do uso do *a gente* com concordância avaliado como *informal* e associado a um uso da periferia urbana. Ainda que essa seja uma forma encaixada na estrutura do Português Brasileiro em todos os estratos sociais, com mais frequência de uso do que o *nós* em estudos de produção por participantes com ensino superior, chegando a tendência de uso de cerca de 80% em dados do Projeto NURC, com falantes escolarizados de cinco capitais brasileiras na década de 1970 (ZILLES, 2007) e com 62% das ocorrências em *corpus* do Projeto Porcufort coletado na década de 1990, com dados de fala de fortalezenses graduados (CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020), ainda assim, esse uso segue

sem prestígio oficial talvez por fugir do controle da escola, não ser pauta do ensino regular (ZILLES, 2007; FREITAG, 2016).

Um fator notório da árvore de distâncias mínimas é a correlação dos significados às variantes linguísticas, bem como a relação de significados sociais entre si, como podemos verificar no ramo superior em que o *cluster estigma-não escolarizado-zona rural* não foi estatisticamente relevante para a percepção das formas de primeira pessoa do plural com concordância padrão, mas sugerem significados relacionados entre si.

Esses significados não devem ser vistos de maneira estática e imutável, contudo, questionários sociolinguísticos nos ajudam a perceber padrões de comportamento avaliativo (LABOV, 2008 [1972]), e sinalizam para determinadas normas compartilhadas pela comunidade de fala perante a língua.

Partindo para a avaliação linguística dessas formas em termos de autoavaliação de uso e concepções normativas do que é prescrito como mais correto, esta parte do questionário solicitou que os participantes refletissem sobre como usavam as variantes em sua própria fala. Como um convite à reflexão metalinguística, iniciamos essa seção com a sentença exclamativa "Agora pense sobre o uso da língua!" e disponibilizamos duas questões apresentadas a seguir:

1) "Sobre o uso de *nós* e *a gente*": (a) *uso com mais frequência a forma nós*; (b) *uso com mais frequência a forma a gente*; (c) *uso ambas as formas nós e a gente com frequência*; (d) *não sei/prefiro não responder*.

2) "O que você pensa sobre as formas *nós* e *a gente*?": (a) *eu acho a forma nós mais correta*; (b) *eu acho a forma a gente mais correta*; (c) *eu acho ambas as formas igualmente corretas*.

Os resultados podem ser conferidos no gráfico 1. A opção "*uso ambas as formas nós e a gente com frequência*" obteve 58,76% das respostas; 28,81% das respostas para a opção "*uso com mais frequência a forma a gente*", sendo 11,3% para a opção "*uso com mais frequência a forma nós*".

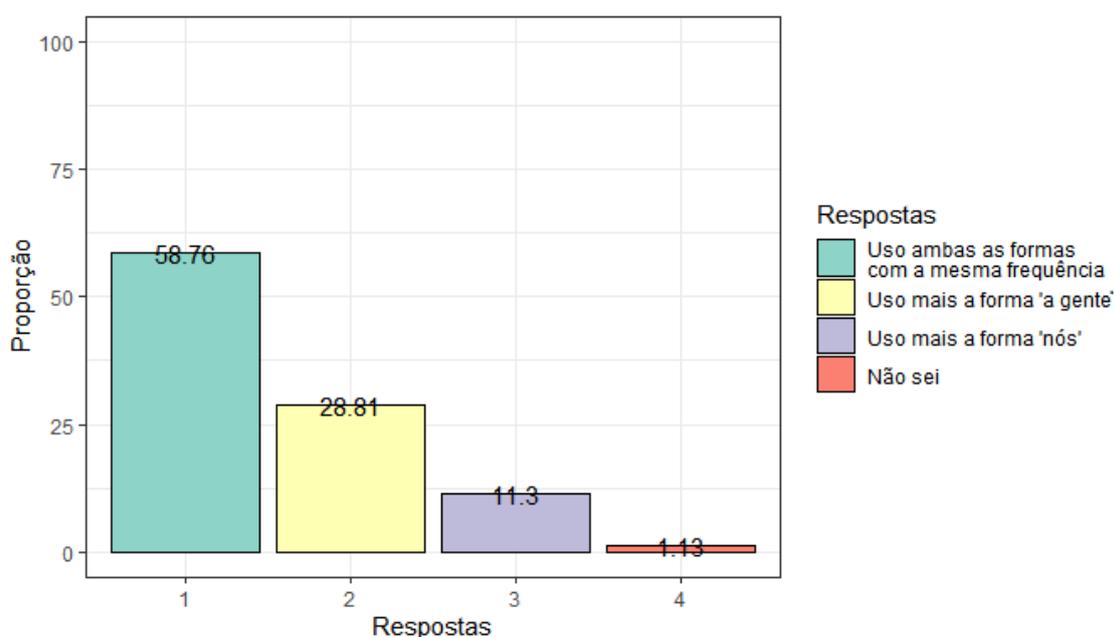


Gráfico 1 – Proporção das respostas dos participantes quanto à autoavaliação sobre o uso das formas *nós* e *a gente* (n=177).

Fonte: autoria própria.

Esses resultados sugerem que os participantes demonstram consciência linguística acerca da intercambialidade das formas pronominais, como também demonstra que a forma *a gente* foi mais optada quando comparada ao pronome *nós*. Dessa maneira, podemos inferir que nenhuma das variantes sofre estigma quando vistas sob a perspectiva da alternância.

De outro ponto de vista, também procuramos investigar como os participantes avaliam o uso de *nós* e *a gente* em relação à adequação gramatical no sentido normativo/prescritivo. Os resultados podem ser conferidos no gráfico 2.

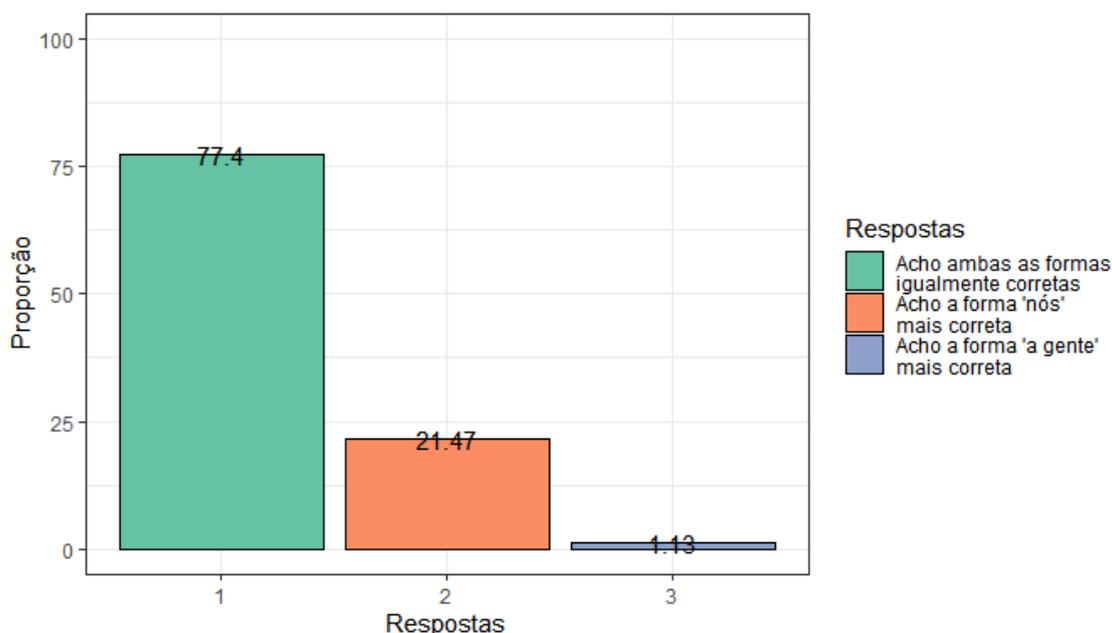


Gráfico 2 - Proporção das respostas dos participantes quanto à noção de “uso correto” associado às formas *nós* e *a gente* (n=177).

Fonte: autoria própria.

Os resultados do gráfico de proporção acima indicam que 77,4% dos participantes com escolaridade superior (incompleta ou completa) marcaram a opção em que as variantes são apresentadas como igualmente corretas, e 21,47% consideram o *nós* mais correto. Analisando as respostas obtidas, a variação é amplamente aceita e avaliada positivamente. O resultado de apenas 1,13% da forma *a gente* como mais correta parece corroborar com a falta de prestígio oficial dessa forma em detrimento da forma *nós*.

Ao final do questionário, perguntamos sobre as impressões dos participantes sobre essas formas por meio de duas questões diretas:

- 4) Quais são as suas impressões sobre o uso do pronome *nós* na fala?
- 5) Quais são as suas impressões sobre o uso do pronome *a gente* na fala?

Os relatos escritos foram os mais variados, contudo pudemos identificar a recorrência de algumas palavras para *nós*, como “formal” e “correto”. Já no caso do *a gente*, foram recorrentes as palavras “informal”, “comum”, “cotidiano”. Contudo, é na não concordância que as avaliações negativas e prescritivas ocorrem, conforme é possível observar nas considerações seguintes, ponderadas pelos participantes referentes às questões 4 e 5.

(a) Sobre o uso da forma *nós*:

"Uso correto e usual, mas deve ser usado se concordar corretamente"
(Participante 2).

"Acredito ser correto desde que ocorra a concordância no verbo: nós vamos e não nós vai!" (Participante 65).

"Parece-me muito mais utilizável em situações de formalidade" (Participante 145).

(b) Sobre o uso da forma *a gente*:

"Se houver concordância verbal, não vejo problema em usá-lo" (Participante 174).

"É prático por ser cultural. Aprendemos a falar assim, independente de classe social, local onde nasceu/cresceu. O que piora a impressão é quando o verbo vem flexionado de maneira muito incorreta ('A gente vamos')" (Participante 171).

"Acho tão correto quanto o uso do 'nós', mas acredito que possa soar mais informal dependendo do contexto" (Participante 163).

Em linhas gerais, a variante inovadora (*a gente*) parece não sofrer estigma pelos participantes escolarizados de Fortaleza, o *nós* é a forma de prestígio, considerada escolarizada, contudo a ausência de concordância verbal (*nós sem -mos*) é avaliada negativamente, conforme alguns relatos expostos acima.

Considerações finais

Neste estudo investigamos a avaliação/percepção das formas pronominais de primeira pessoa do plural por falantes de Fortaleza com ensino superior. Os resultados indicam que esses participantes percebem e avaliam (*change from above*) a variação *nós* e *a gente*, apontam a forma *a gente* como uma forma amplamente aceita, contudo avaliam o *nós* como a forma de *prestígio, formal, mais correta*, refletindo a influência dos aparelhos formais de educação, que enfocam prioritariamente o quadro teórico dos pronomes pessoais, tratando formas inovadoras à margem do subsistema pronominal do Português do Brasil.

A ausência de concordância verbal (*nós sem -mos – nós fala/ nós come*) recebe avaliação negativa, estando associada a um *uso não escolarizado, informal* e de *periferia urbana*, o que sugere ser esse um comportamento avaliativo explícito de escolarizados. A ausência de concordância verbal é um fenômeno acima do nível de consciência de falantes com escolarização, "sensível à avaliação social no português brasileiro" (SCHERRE; NARO, 2014; FREITAG, 2016), em que a regra parece ser: *realize a concordância*.

Destacamos que os resultados do estudo contemplam uma amostra de falantes escolarizados, moradores da zona urbana, composta prioritariamente por jovens. Destacamos ainda o conjunto uniforme de atitudes desse grupo de participantes frente à linguagem, no sentido de que é possível capturar significados sociais relacionados às formas *nós* e *a gente* e padrões de concordância verbal. Nesse sentido, vale destacar que a análise dos resultados

precisa levar em consideração o contexto temporal, o espaço geográfico, a escolaridade dos participantes entre outros fatores que constituem o perfil da amostra, tendo em vista que avaliações são construídas socialmente, ou seja, constituem crenças que não são estáticas ou imutáveis, mas sim ideologicamente relacionadas, podendo emergir a partir da interação social e da exposição a estímulos linguísticos.

Referências

- ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macedo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. O projeto descrição do português oral culto de - PORCUFORT. *Web Revista SOCIODIALETO*, [s.l.], v. 8, n. 24, 2018. p. 174-198. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39>. Acesso em: 22 set. 2021.
- BRASIL. *Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016*. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016, seção 1, p. 44-46.
- CAMPBELL-KIBLER, Kathryn; ECKERT, Penelope. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: The case of (ING)*. 2005. 283f. Tese (Ph. D. em linguística), Stanford University, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/34192382_Listener_perceptions_of_sociolinguistic_variables_The_case_of_ING. Acesso em: 21 set. 2021.
- CAMPBELL-KIBLER, Katheryn. The nature of sociolinguistic perception, *Language Variation and Change*, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 135-156, 2009. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/nature-of-sociolinguistic-perception/9270F584ED6A25C1870867B38B380F61>. Acesso em: 22 set. 2021..
- CAMPBELL-KIBLER, Katheryn. Sociolinguistics and Perception. *Language and Linguistics Compass*, [s.l.], v. 4, n. 6, p. 377-389, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-818X.2010.00201.x>. Acesso em: 22/09/2021.
- CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente a fala culta de Fortaleza em cena. *(Con)textos linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/29213>. Acesso em: 22/09/2021.
- FREITAS, Maylle Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Quem somos "nós" e quem é "a gente"? Uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. In: VIANA ; Rakel Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe Macedo de (Org.). *Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 124-142. DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.985.124-142.
- COELHO, Izete Lehmkuhl (org.); GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria N. de. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Rafael Ferreira. *É nós na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo). 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/28743075/_%C3%89_n%C3%B3is_na_fita_Duas_vari%C3%A1veis_lingu%C3%ADsticas_numa_vizinh%C3%A7a_da_periferia_paulistana. Acesso em: 21 set. 2021.

ECKERT, Penelope. *Variation, convention and Social Meaning*. In: Annual Meeting of the Linguistic Society of America, Oakland, 2005. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Variation-%2C-convention-%2C-and-social-meaning-Eckert/fbbc9f7aff0001f2994353320db793e413ff0f3>. Acesso em: 20 set. 2021.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, [s.l.], v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>. Acesso em: 21 set. 2021.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, [s.l.], v. 41, p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

FOEGER, Camila. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/1601>. Acesso em: 21 set. 2021.

FREITAG, Raquel Meister ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. 32, n. 4. São Paulo, 2016. p. 889-917. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/29225/22229>. Acesso em: 21 set. 2021.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W; HODGSON, R; GARDNER, R; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, [s.l.], v. 60, p. 44-51, 1960. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1960-07642-001>. Acesso em: 22 set. 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 1-12, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44300>. Acesso em: 22 set. 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues.; BRANDÃO, Silvia Figueredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 109-131.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília,

Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13064>. Acesso em: 22 set. 2021.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. *Nós e A gente em Vitória análise sociolinguística da fala capixaba*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3724>. Acesso em: 22 set. 2021.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais subsídios para uma gramática do português*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância verbal e alternância pronominal no português brasileiro e português um estudo comparativo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, Giselle Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-216.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 390f. Tese (Doutorado em Linguística) – FFLCH/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/pt-br.php>. Acesso em: 21 set. 2021.

OUSHIRO, Livia. A computational approach for modeling the indexical field. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14738>. Acesso em: 21 set. 2021.

SEARA, Izabel C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana, *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30203>. Acesso em: 22 set. 2021.

R Core Team. *The R Project for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, 2020. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 06 jun. 2020.

SCHERRE, Marta Pereira; NARO, Anthony. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable Concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 26, p. 331-357, 2014. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/sociolinguistic-correlates-of-negative-evaluation-variable-concord-in-rio-de-janeiro/B209D52E57FC42496C947A105A6A3B55>. Acesso em: 22 set. 2021.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. *Estudos de Lingüística Galega*, Volume Especial I, ed. F. Cidrás, F. Dubert and X. L. Regueira, p. 13-27, 2018. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3585>. Acesso em: 22 set. 2021.

THE R FOUNDATION. *The R Project for Statistical Computing*. Página Web. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Variação nós/a gente no sertão alagoano: restrição e avaliação. *Revista A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 199-211, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/3493>. Acesso em: 21 set. 2021.

VIANNA, Juliana Segada.; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes nós e a gente. In: MARTINS, Marcos Antônio.; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 103-114.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de “a gente”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9133/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DE%20MESTRADO%20MATHEUS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 set. 2021.

Para citar este artigo

FREITAS, Maylle Lima; Favacho, Larissa de Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Avaliação e percepção das formas nós e a gente e dos padrões de concordância por falantes escolarizados de Fortaleza - Ceará. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 40-57, jan.-abr. 2022.

As autoras

Maylle Lima Freitas é mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin-UFC) e graduada em Letras português e espanhol e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como pesquisadora na área de descrição e análise linguística, com ênfase em sociolinguística variacionista. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9151-217X>.

Larissa de Lima Favacho é bacharelanda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Ceará (2021). Sua área de interesse é descrição e análise linguística, com ênfase nos estudos de sociolinguística variacionista. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7967-8647>.

Hebe Macedo de Carvalho é professora associado IV do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui Graduação em Letras e respectivas literaturas (UFPB), Mestrado em Língua Portuguesa (UFPB), Doutorado em Linguística (UFC) e Pós-Doutoramento em Linguística (UFES). Desenvolve estudos sobre variação em categorias verbais e pronominais

do português do Brasil, com ênfase em Sociolinguística Variacionista. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3192-3831>.

Apoio e financiamento: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.